

QUINTAIS NEGROS URBANOS COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NO INTERIOR PAULISTA

Vitor Daniel Menck¹

Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: O artigo analisa a estruturação das relações socioespaciais dos indivíduos negros frente aos enfrentamentos no espaço urbano desde o pós-abolição e, à vista disso, os significados agregados ao quintal e demais espaços de identidade por eles mantidos. Reconhecida sua importância como representação material e imaterial do posicionamento da população negra, esses espaços se configuram como rede de sociabilidades, permitindo às famílias a reformulação de sua organização, a transmissão de suas tradições e a preservação de suas culturas. Dialogando com os trabalhos de Oliveira (2018), Sodré (2019) e Cunha Júnior (2019), discute-se, aqui, a memória afrodiaspórica nesses territórios a partir das trajetórias de famílias negras nos municípios de São Carlos, Araraquara e Santa Bárbara d'Oeste, considerando a cidade enquanto espaço vivo e grafado pela agência (cri)ativa dos povos de matriz africana.

Palavras-Chave: Quintais negros; Espaço urbano; Pós-abolição; Interior paulista.

URBAN BLACK BACKYARDS AS A SPACE OF CULTURAL RESISTANCE IN THE INTERIOR OF SÃO PAULO STATE

Abstract: The article examines the structuring of socio-spatial relations of black individuals in the face of urban challenges since the post-abolition period and, in light of this, the meanings attributed to the backyard and other identity spaces they maintain. Recognizing their importance as material and immaterial representation of the positioning of the black population, these spaces configure themselves as a network of socialites, allowing families to reformulate their organization, transmit their traditions, and preserve their cultures. Dialoguing with the works of Oliveira (2018), Sodré (2019), and Cunha

¹ Minicurrículo: Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), tendo realizado pesquisas na área de arquitetura, cidade, patrimônio, arte e cultura. Desenvolve o projeto de cultura e extensão intitulado "Inventariando batuques e memórias, o carnaval como manifestação cultural na Vila Izabel, São Carlos-SP" sob orientação do Prof. Dr. Paulo César Castral (2024-2025).

E-mail: vitor.menck@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0850-7503>

Júnior (2019), this paper discusses the Afro-diasporic memory in these territories based on the trajectories of black families in the municipalities of São Carlos, Araraquara, and Santa Bárbara d'Oeste, considering the city as a living space shaped by the (cre)ative agency of African-descendant peoples.

Keywords: Black backyards; Urban space; Post-abolition; São Paulo countryside.

PATIOS NEGROS URBANOS COMO ESPACIO DE RESISTENCIA CULTURAL EN EL INTERIOR PAULISTA

Resumen: El artículo analiza la estructuración de las relaciones socioespaciales de los individuos negros frente a los desafíos en el espacio urbano desde la posabolición y, en este sentido, los significados agregados al patio trasero y otros espacios de identidad que mantienen. Reconociendo su importancia como representación material e inmaterial de la posición de la población negra, estos espacios se configuran como una red de sociabilidades, permitiendo a las familias reformular su organización, transmitir sus tradiciones y preservar sus culturas. Dialogando con los trabajos de Oliveira (2018), Sodré (2019) y Cunha Júnior (2019), se discute aquí la memoria afrodiaspórica en estos territorios a partir de las trayectorias de familias negras en los municipios de São Carlos, Araraquara y Santa Bárbara d'Oeste, considerando la ciudad como un espacio moldeado por la agencia (cre)activa de los pueblos de ascendencia africana.

Palabras-clave: Patios negros; Espacio urbano; Postabolición; Interior de São Paulo.

LES ARRIÈRE-COURS URBAINES NOIRES COMME ESPACE DE RÉSISTANCE CULTURELLE À L'INTÉRIEUR DE L'ÉTAT DE SÃO PAULO

Résumé: L'article analyse la structuration des relations socio-spatiales des individus noirs face aux défis dans l'espace urbain depuis l'après-abolition et, à cet égard, les significations ajoutées à la cour et aux autres espaces d'identité qu'ils entretiennent. Reconnaisant leur importance en tant que représentation matérielle et immatérielle du positionnement de la population noire, ces espaces se configurent comme un réseau de sociabilités, permettant aux familles de reformuler leur organisation, de transmettre leurs traditions et de préserver leurs cultures. En dialoguant avec les travaux d'Oliveira (2018), Sodré (2019) et Cunha Júnior (2019), nous discutons ici de la mémoire afro-diasporique dans ces territoires à partir des trajectoires des familles noires dans les municipalités de São Carlos, Araraquara et Santa Bárbara d'Oeste, en considérant la ville comme un espace vivant et façonné par l'agence créative de ces individus.

Mots-clés: Jardins noirs; Espace urbain; Post-abolition; Intérieur de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Ao passo que o pós-abolição viabilizou a liberdade dos indivíduos afrodescendentes no controle de seus destinos, também se apresentou enquanto campo de novos desafios encontrados no meio rural e no meio urbano, uma vez que as estratégias empregadas pelas estruturas de poder no período escravista tomaram outras conformações para o apagamento e marginalização dos negros. Ainda assim, a forma urbana negra se apresenta enquanto principal ferramenta de resistência e resgate de suas instituições culturais, e a autonomia garante espaço para a ludicidade, a sociabilidade e a multifuncionalidade em seus espaços de morar. Nessa perspectiva, o pós-abolição se apresenta como um campo de investigação em permanente construção, no qual emergem pautas e questões que demonstram que os enfrentamentos sociais empreendidos pelos sujeitos negros perpetuam até os dias atuais e, sobretudo, que esses indivíduos não mediram esforços em buscar estratégias de manutenção de suas instituições culturais diversas.

Sob o contexto da diáspora africana, novas perspectivas são evidenciadas, pois o desprendimento do território e a perda da terra e da comunidade como extensão física e material tensionam o corpo como principal instrumento documental e de resistência, pelo qual o indivíduo negro manifesta suas instituições culturais, celebra sua ligação com as heranças africanas e transmite a memória coletiva. Nesse sentido, assim como o corpo negro conforma-se como testemunho de suas heranças e culturas, transmitidas a partir da oralidade, o chão se apresenta como territorialização da memória e convergência entre espaço e identidade. Na matriz africana, a relação com a terra vai além de sua configuração física e integra a dimensão do sagrado: torna-se objeto de concretização da resistência material e simbólica.

Também como ferramentas metodológicas inerentes à leitura das camadas na urbe, das formas de vida afro diaspóricas e do chão enquanto

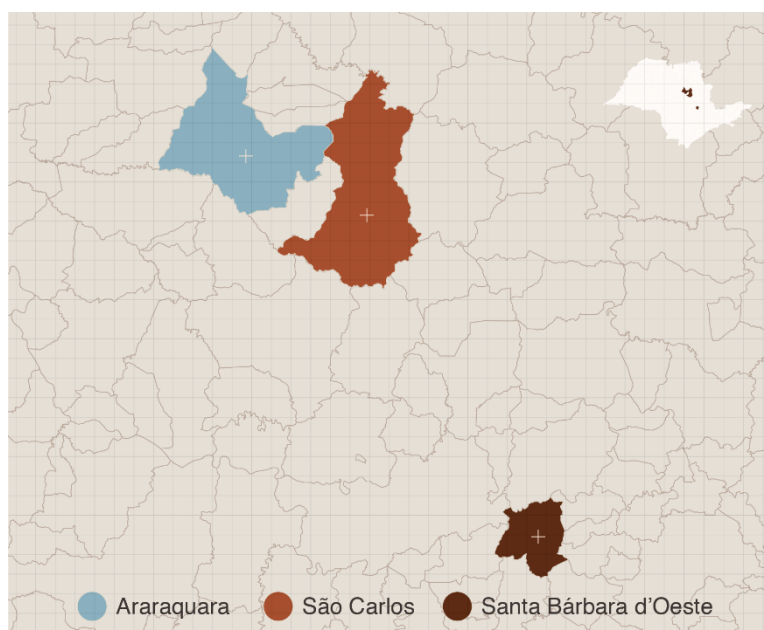
territorialização da memória, instrumentais da pesquisa qualitativa, mais especificamente da história oral, ganham pertinência nas investigações acerca das práticas afro-brasileiras e das formas de organização da população negra. Ao passo que a transmissão das tradições a partir da oralidade e a dimensão do valor dado a esses saberes têm notoriedade e significância entre as culturas africanas e afro-brasileiras, a importância atribuída à cadeia de transmissão como principal veículo de manutenção das práticas e saberes está diretamente relacionada com a propriedade da palavra e da observação. Segundo Hampaté Bâ (1979), no partilhamento de heranças pela socialização cotidiana entre esses indivíduos – muitas vezes transmitidos sem a intencionalidade educativa –, a palavra atua plenamente seu papel nas vivências e na constante referência aos antepassados pelos herdeiros das tradições, tornando-se operante e sacramental. Esse conhecimento é incorporado nas vivências, fazendo com que as atividades e ofícios humanos também detenham um caráter sagrado, sobretudo aquelas relacionadas à atuação direta sobre a matéria: a terra, o cultivo de subsistência e demais atividades dela provenientes que são agregadas aos espaços de morar enquanto bens coletivos.

Neste sentido, buscamos compreender, através das relações exercidas nos quintais de famílias negras no interior paulista, a importância do quintal como espaço de convivência e de manifestação cultural para estas famílias. Essa herança de usos, costumes e saberes transmitidos de geração em geração nos quintais o configuram como patrimônio cultural constituintes da identidade de famílias e comunidades negras, transmitidos ao longo do tempo e preservadas pela memória coletiva, além de carregar uma série de relações simbólicas, por exemplo, pela forma de cultivar o alimento neste espaço, que mesmo em quintais em ambientes urbanos como os abordados neste trabalho, remetem a práticas rurais, proporcionando uma conexão com a vida no campo (DE SOUZA; DE SOUZA; CUNHA JUNIOR, 2020).

Este artigo resulta da integração de diversas pesquisas transdisciplinares que têm mapeado os territórios urbanos negros no interior paulista, focalizando especialmente nos quintais das famílias locais. Situados

nos municípios de Araraquara, São Carlos e Santa Bárbara d'Oeste, região conhecida como Oeste Paulista no século XIX, na qual a produção cafeeira era proeminente e a mão-de-obra escravizada desempenhava papel central, tanto na agricultura quanto nos centros urbanos. Após a abolição, ao optarem pelo ambiente urbano para exercer sua liberdade, os indivíduos negros enfrentaram uma série de desafios, demandando a criação de estratégias de resistência para enfrentar a realidade social, política, econômica e cultural segregacionista que se estabeleceu após o fim da escravidão. Reconhecendo que muitas dessas estratégias de resistência perpetuaram-se como herança cultural dentro dessas comunidades, este estudo busca compreender essas dinâmicas e estabelecer conexões entre diferentes famílias e localidades abordadas.

Figura 1: Mapa de localização dos municípios de Araraquara, São Carlos e Santa Bárbara d'Oeste no Estado de São Paulo, Brasil.



Fonte: OLIVEIRA, Joana; PALMEIRA, Fabiana; COSTA, Gerlânia; MENCK, Vitor. 2022. Sintetização gráfica pelos autores.

QUINTAIS NEGROS URBANOS EM SÃO CARLOS (SP)

O município de São Carlos integrava, em meados do século XIX, o promissor Oeste Paulista no que tange à produção cafeeira e, assim como

outros locais, empregou a mão de obra escravizada para os trabalhos nas lavouras e no espaço urbano. Com as proibições ao tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, os fazendeiros recorreram ao tráfico interprovincial, tendo no Estado da Bahia o seu maior mantenedor. Mesmo que já houvesse experiências com outras formas de trabalho, o negro escravizado foi fundamental para o funcionamento do sistema econômico e social do município. Emília Viotti da Costa (1998) afirma que a maioria das fazendas abertas no Oeste paulista, já nos idos de 1860, continuou a adotar o trabalho escravo como a principal força de produção. Na mesma perspectiva, Warren Dean (1977) aponta que a convivência do trabalhador contratado e o escravizado não impediram que o número de escravizados aumentasse consideravelmente em Rio Claro, o que também pôde ser observado em São Carlos, pois, em 1874, o número de escravizados era de 1.568, passando para 2.464 em 1877. Oito anos depois, de acordo com “Apuração Geral da População Escrava da Província de São Paulo”, de 1885, São Carlos possuía um total de 3.725 escravos, sendo destes 2.228 homens e 1.498 mulheres.

No pós-abolição, ao escolher o espaço urbano para vivenciar a sua liberdade arduamente conquistada, como nos apontam inúmeros historiadores, tanto o homem negro como a mulher negra tiveram que elaborar uma série de estratégias de resistência para driblar a conjuntura social, política, econômica e cultural excludente que se solidificou com o fim da escravidão. A conquista de direitos e a afirmação da cidadania tornaram-se um exercício diário para esses sujeitos que elaboraram e reelaboraram mecanismos de integração e defesa.

De acordo com os dados apresentados no Recenseamento Populacional de 1907, a população negra era composta por 12% do total de indivíduos que moravam no município, o qual era regido pelo Código de Posturas, aprovado em 1905. De acordo com Renata Priore Lima (2008), esse código foi definido pela Lei Municipal de número 58 e mantinha muitos aspectos dos Códigos anteriores, trazendo, no entanto, uma mudança, segundo a autora, muito significativa para a cidade, a saber, o estabelecimento dos limites entre a área rural e urbana, sendo esta última subdividida em cidade e subúrbio. A cidade,

neste período, já contava com alguns loteamentos mais populares, distintos e afastados dos espaços ocupados pela elite local e que perfaziam os arredores da igreja matriz, os quais, segundo Bortolucci (1991), eram ocupados por majestosos casarões ecléticos dos barões do café que ali mesclavam costumes rurais e urbanos. Para as classes mais pobres, foram criados, logo após a abolição da escravidão, os bairros Vila Nery, Vila Pureza, Vila Izabel, Botafogo e Subúrbios, os quais agregavam, em maior ou menor número, homens e mulheres negros, que somavam 47% dos moradores na Vila Pureza, 41,71% na Vila Izabel, 30,13% na Vila Nery, 12,43% no Centro e 12,27% nos subúrbios. Ocupavam, assim, em maior ou menor número, todo o espaço urbano, concentrando-se, porém, com maior representatividade, nos bairros Vila Pureza, Vila Izabel e Vila Nery. Desses bairros, homens e mulheres deslocavam-se diariamente para exercerem suas atividades profissionais na região central da cidade. Comumente desempenhavam atividades informais, tendo em vista que o racismo estruturante vigente fechava as portas ao trabalho formal para a maioria da população negra. Diante desse cenário, eram eles sapateiros, pedreiros, marceneiros, cozinheiros, vendedores ambulantes; e elas, lavadeiras, empregadas domésticas, vendedoras ambulantes, dentre outras ocupações. Vale salientar que, apesar de ocuparem espacialmente locais distintos no espaço urbano de São Carlos, homens e mulheres negros compartilhavam trajetórias similares e driblavam a sociedade republicana, tão racista quanto a imperial e a colonial. Os desafios que se colocaram eram materializados nas dificuldades de acesso ao trabalho formal, à educação e a outros direitos básicos, como saúde, moradia e alimentação. Eram destinadas aos negros e negras as atividades consideradas degradantes pelos brancos nacionais e muitos imigrantes. Além disso, enfrentavam a perseguição e criminalização de suas crenças, hábitos e práticas culturais. Estas, porém, como nos sugere vasta documentação, eram realizadas tanto no espaço doméstico como no espaço da rua. A rua era considerada o espaço da liberdade, mas de uma liberdade controlada, cerceada, constantemente monitorada. Mesmo assim, negros e negras recriaram seus espaços de

vivência e encontros no espaço urbano, tais como clubes negros, escolas de samba e igrejas de santos negros. Dos locais negros da cidade de São Carlos - SP que podiam ser usufruídos, podemos destacar a Igreja de São Benedito que, além de ser um espaço destinado aos cultos católicos, era um dos locais para a realização do *footing* negro em seu *adro*. Inaugurada no final do século XIX, foi um dos primeiros lugares negros urbanos registrados no município. Símbolo da cultura e da resistência negra, ela foi cogitada pela irmandade de São Benedito. Sobre a sua fundação, nos conta a historiadora Leila Massarão (2013, p.1):

Em 1890, João Antônio Xavier, sacristão da Matriz e responsável pela Irmandade de São Benedito solicitou à Câmara Municipal a doação do terreno para a construção de uma capela em homenagem ao santo. Efetivada a doação, teve início a construção da capela, com trabalhadores negros e brancos trabalhando conjuntamente e sob a coordenação do construtor italiano Domingos Marra. Em 1892, porém, por falta de recursos a obra foi paralisada, sendo retomada pouco depois pelos esforços em angariar doações do Tenente Francisco Cabral e Benedito José Gomes (ex-escravo, devoto de São Benedito). A primeira capela de São Benedito foi, assim, inaugurada em 30 de junho de 1897.

A praça de São Benedito, que abrigava a igreja e o jardim envoltório, tornou-se espaço de encontro da população negra, que passou também a frequentar o Cine Teatro São José, inaugurado nas primeiras décadas do século XX, em frente ao pátio da igreja. Vale salientar que esses locais também eram frequentados por brancos, majoritariamente imigrantes, que estabeleciam relações mais amistosas com os negros e negras da cidade.

Além da igreja, diante da impossibilidade de frequentar os clubes brancos locais, foram inaugurados alguns clubes negros na cidade, que culminaram na fundação do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, no ano de 1928. Foram responsáveis por sua criação trabalhadores negros empregados na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A construção de sua sede, cuja pedra fundamental foi lançada em 15 de novembro de 1948, demarcou espacialmente a consolidação do clube na cidade. Nesse local, negros e negras, divertiam-se nos finais de semana, em dias festivos e datas comemorativas. Dentre os eventos marcantes estavam o carnaval e o concurso

de rainha do clube. Além disso, assim como grande parte dos clubes negros no país, o *Flor de Maio* atuou diretamente no desenvolvimento educacional de seus frequentadores. Por mais que esses locais fossem usados por uma parcela significativa da população negra, vale destacar que era no espaço doméstico, formado pela casa e quintal, que esses sujeitos encontravam espaço para manifestarem suas crenças, culturas e transmitir os seus saberes. A configuração do quintal como um lugar de resistência da gente negra é discutida no livro “Da senzala para onde? Negros e negras no Pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)” (OLIVEIRA, 2018). Na obra, a autora destaca o quanto os bairros Vila Izabel, Vila Pureza e Vila Nery transformaram-se em campo de atuação e apropriação territorial por parte da população negra, que agiu de acordo com suas representações, crenças e saberes. Nesse sentido, os lotes desses bairros emergiram como territórios negros, dotados de uma série de saberes e práticas culturais, frequentemente, discriminadas pelos brancos em outros locais da cidade. Nesse contexto, a casa e o quintal configuram-se como espaços *sine qua nom* para o bom funcionamento dessas práticas, como podemos ilustrar a partir das trajetórias de Carlos Eduardo Santa Maria e de Odila dos Santos de Aguiar, que serão destacadas a seguir.

Carlos Eduardo Santa Maria² nasceu em São Carlos-SP, em 03 de novembro de 1963. Filho de Alzira Teodoro Santa Maria, doméstica, e Benedito Santa Maria, marceneiro. Morador da Vila Izabel desde que nasceu, ele destaca a presença majoritária de famílias negras no bairro, que eram unidas em prol das culturas pretas, como o carnaval, o samba e a capoeira. Santa Maria comenta que uma parcela significativa dos seus familiares residia ao longo do mesmo quarteirão na Rua Santa Filomena, mas, com o passar dos anos, os parentes se dispersaram, os lotes foram vendidos e, atualmente, há apenas a casa de sua família e de um dos tios como remanescentes do conglomerado de famílias pretas que habitavam aquela rua.

² Entrevista concedida a Joana D’Arc de Oliveira, Edison Santiago de Almeida, Gerlânia Bezerra da Costa e Jéssica Ariane Campaneri Sposito, em São Carlos, no ano de 2022.

A residência que abriga Santa Maria, a mãe e a irmã, foi construída pela própria família nos escassos momentos vagos que encontravam em meio à árdua rotina de trabalho. Originalmente, a casa de *tijolão* e alicerce de pedra era composta por uma sala, cozinha, quarto e banheiro; os ambientes possuíam esquadrias de madeira e pisos diversos, constituídos por *caquinhos* cerâmicos e ripas de madeira. Ainda que a configuração e a materialidade da casa tenham sido parcialmente alteradas devido às reformas e ampliações, realizadas a fim de recepcionar parentes e amigos, Santa Maria ressalta a permanência do valor imaterial do espaço, que simboliza acolhimento e a possibilidade da família permanecer reunida.

Ao comentar sobre a sua trajetória no samba-rock e como cresceu em um contexto marcado pela presença da música e da dança, Santa Maria nos relata, saudosamente, as memórias dos encontros realizados no quintal da família, dentro do qual era improvisado um palco para as apresentações dos parentes e amigos:

Esse quintal era de pedra e aqui era o palco, a gente chama de palco isso aqui, porque aqui vinha sanfoneiro. E a gente dançava e de tanto dançar a gente gastava a pedra. Ficava lisa e ficava cheia de terra, porque ia raspando, raspando e aí ia gastando. Tinha sempre o sanfoneiro aqui e o pessoal tocando. [...] Final de ano vinham os parentes né, se reuniam...Então se reuniam todos aqui. (SANTA MARIA, E. C., 2022).

Certamente, os aspectos discutidos anteriormente não se restringem apenas às vivências da família de Santa Maria e podem ser observados em outras casas e quintais negros, como o de Odila dos Santos de Aguiar (2022), moradora da Vila Nery. Odila nasceu em São Carlos-SP no dia 13 de janeiro de 1934, é filha de Nair Baltazar dos Santos e José Estevam dos Santos, cofundadores do Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio; além de Odila, o casal teve mais quatro filhos. Após residirem em diversas casas alugadas, a família conseguiu adquirir um lote a prestações e construir, gradualmente, a casa própria na Rua Germano Fehr. Inicialmente, apenas D. Nair, Odila e a irmã Odette residiam na casa, composta por uma sala, cozinha, quarto e banheiro.

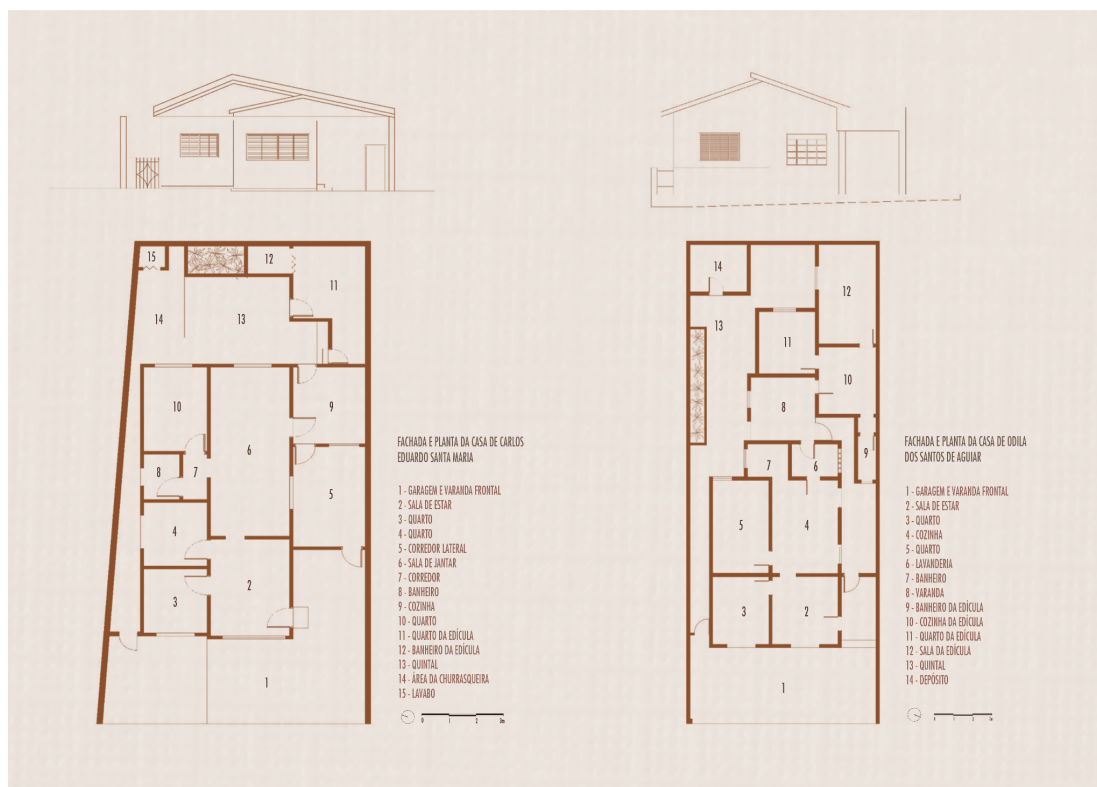
Odila salienta que, no decorrer dos anos, a residência foi sendo ampliada com a intenção de recepcionar amigos e familiares. Após se casar, Odila foi morar com o esposo nos fundos da casa e, atualmente, este mesmo trecho da construção abriga José Márcio, filho do casal:

[...] E o resto a gente vai fazendo aos poucos, puxadinhos. [...] Eu, Odette e minha mãe nois fizemos aquela...foi fundando, fazendo os fundos, sabe os puxado, né? Puxadinho [...] Sempre tinham pessoas de fora que vinha né... acomodação [...] recepcionou eu como casada, agora o filho. (AGUIAR, S. O., 2022).

No que se refere ao quintal, Odila relata que, antes das reformas e ampliações, era composto por muitas árvores frutíferas e um galinheiro; decerto, elementos que reforçam o caráter de subsistência que o espaço assumia no cotidiano da família. O quintal também se constituía como um elemento agregador e de fomento às sociabilidades, considerando que era palco dos encontros, festas familiares, reuniões do movimento negro e ensaios da escola de samba, conforme Odila destaca:

Era um quintal enorme...então a gente vai construindo, construindo, né. [...] Oh, aqui era o ponto, porto seguro. [...] Olha, os movimentos sempre aqui, a turma da escola de samba sempre vinham para cá. Então era cantoria, era uma bebidinha, fazia cerveja...o ponto de apoio era aqui, aqui na minha casa! (AGUIAR, S. O., 2022).

Figura 2: Levantamentos arquitetônicos das casas de Carlos Eduardo Santa Maria e Odila dos Santos de Aguiar.



Fonte: COSTA, Gerlânia; SPOSITO, Jéssica. 2022. Dados coletados a partir das entrevistas e sintetizados graficamente pelas autoras.

Analisando os relatos de Santa Maria e Odila como indícios das memórias e resistências materializadas no âmbito doméstico, observamos o quanto as vivências - circunscritas às casas e aos quintais negros-, se contrapõem ao cenário de discriminações que esses sujeitos relatam experienciar ao longo dos seus deslocamentos pelo espaço urbano. Nesse sentido, a casa e o quintal concentram os saberes e costumes das populações negras, garantindo sua manifestação, preservação e transmissão para a posteridade (Oliveira, 2018). No que se refere à perpetuação dessas práticas, é imprescindível destacarmos o papel da oralidade, tendo em vista a discussão posta por Hampaté Bâ (1979), a qual ressalta que a tradição oral, que se manifesta no cotidiano e convivência coletiva das civilizações e culturas

africanas, é fundamental na cadeia de transmissão de valores e saberes intergeracionais.

O QUINTAL DA FAMÍLIA SALVADOR EM ARARAQUARA (SP): PERSPECTIVAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS

Entender as relações desenvolvidas nos espaços negros urbanos nos aponta para a compreensão da convergência entre espaço e identidade. Sodré (2019, p. 22) analisa o espaço enquanto resultado do morar, do uso da terra como meio de registro da identidade de um grupo. A existência dos bairros negros é, nesse sentido, o horizonte que exige ser visto em seu potencial emancipatório. As territorialidades negras no meio urbano aqui nos interessam ao serem espaços produzidos nos interstícios das estratégias das estruturas de poder, e que fogem à lógica do capital e do urbanismo ao criarem suas dinâmicas e linguagem próprias, na manutenção, interpolação e construção de suas práticas culturais. No município de Araraquara (SP), no interior paulista, esse processo se apresenta no pós-abolição em bairros como Vila Xavier, Bairro do Carmo e Bairro Santana, cuja análise nos permite significativas interpretações acerca das dinâmicas de ocupação da população negra no meio urbano, seja em sua consolidação nas áreas periféricas ou nos confrontos encontrados na permanência dessas famílias em áreas centrais.

As origens e desenvolvimento da cidade de Araraquara, assim como demais municípios históricos paulistas, acompanham os principais cenários socioeconômicos que ocorrem em nível nacional, sob a égide das relações de produção do sistema mercantilista. Inserida no período cafeeiro através da exploração de territórios no oeste paulista e da introdução da ferrovia, a cidade vivenciou, no final do século XIX, um pico de crescimento e urbanização, que também diz respeito às dinâmicas políticas e sanitaristas operadas em nível nacional. Ainda em seus primeiros ensaios com mão de obra livre de imigrantes, a valorização da promoção do imigrante europeu no mercado de trabalho já evidenciava as atuações estratégicas na organização espacial e

manutenção das relações de poder para com a comunidade negra no pós-abolição. A tomada de novas configurações nas políticas de distribuição e oferecimento de terra impediram financeiramente que os negros recém-libertos tivessem acesso à terra, restringindo-os à permanência como mão de obra barata nas fazendas, ou se aloquem no meio urbano em moradias periféricas sem auxílios de qualquer política pública reparatória. Na esteira desses acontecimentos, alguns desses indivíduos negros ganham destaque em cargos na Companhia da Estrada de Ferro Araraquarense, atividades comerciais e cargos públicos usuais, colaborando para a ascensão econômica de muitas dessas famílias.

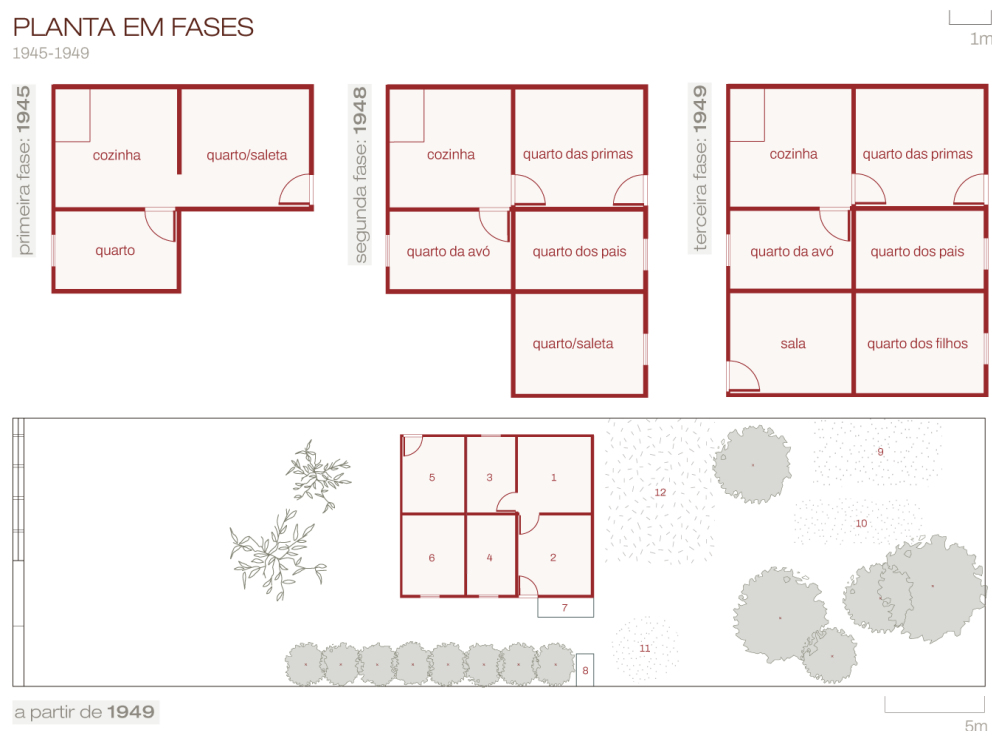
Como efeito, bairros periféricos como a Vila Xavier, cujos primeiros habitantes foram, em sua maioria, operários braçais ou de baixo escalão negros da ferrovia, merecem aqui destaque. A Vila Xavier, o Bairro do Carmo e o Bairro Santana, bairros pouco valorizados, alguns localizados nas franjas da cidade e com proximidade com o meio rural, tornaram-se espaços de fixação e atuação de famílias negras. Esses bairros, ao abrigarem suas práticas culturais e possibilitarem a manutenção de suas tradições, emergiram como *locus* de resistência da cultura negra e de pertença desses indivíduos. A valorização posterior de alguns desses espaços, com destaque para o Bairro Santana por sua proximidade com o atual Centro, ameaça a permanência dessas famílias, inclusive da família Salvador, cuja trajetória de atuação e resistência em Araraquara será resgatada a seguir.

Com surgimento alinhado aos primórdios do desenvolvimento urbano da cidade, o Bairro Santana tem proximidade à Igreja Matriz, ao cemitério municipal e aos primeiros loteamentos que emergiram ali em meados de 1890. A compra do lote no bairro pela família Salvador, em 1945, se aproxima do período de maior expansão urbana partindo da região central, na década de 50. Luiz Salvador nasceu no município de Matão, em 1905. Mudou-se para Araraquara no ofício de trabalhador rural e, posteriormente, foi empregado pela Companhia da Estrada de Ferro Araraquarense, fato que nos mostra como os ofícios na companhia ferroviária foram importantes para a ascensão de

indivíduos negros no mercado de trabalho e no sustento de suas famílias. O bairro, com proximidade com o meio rural, já contava com loteamentos que abrigavam famílias de empregados da ferrovia e do campo, incluindo Luiz e Eva Salvador, que se mudaram para a região após se casarem, em 1930. Eva Marcondes Salvador nasceu em 1910, na cidade de Brotas, e veio para Araraquara dezesseis anos depois, em razão do falecimento do pai.

Quinze anos após o matrimônio, já com cinco filhos, compram o lote na Avenida José Bonifácio, no Bairro Santana, no qual construíram “uma casinha, de tijolos e telhas, com três cômodos”, como documentado na escritura da compra. Durcilia Salvador de Oliveira (2019), filha do casal e nascida em 1938 na cidade de Pindorama, descreve que, nos três cômodos estavam a cozinha, a sala e um quarto, todos construídos pelos pais e seus filhos com tijolo de barro, esquadrias de madeira e chão *vermelhão*. Já Maria Nazaré Salvador (2019), nascida em 1952 nesta mesma casa, a descreve com cinco cômodos além da cozinha, com uma casinha de dois cômodos no quintal do lote, abrigando as filhas recém-casadas e parentes da família ao longo dos anos. As falas nos ilustram como, no recorte temporal de sete anos, o lote inicialmente dotado de uma casa de três cômodos vai tomando a proporção posteriormente descrita pelos filhos. Isso porque o espaço construído pouco a pouco, proveniente dos investimentos de Luiz Salvador, não se limitava apenas ao usufruto destes, como também de primos, parentes e amigos que eram recebidos e acomodados pela família, que não hesitava em construir mais um cômodo na casa para acolhê-los. É evidenciada, assim, a afirmação de Guedes (1998) de que a ocupação do lote se apresenta como um patrimônio voltado ao coletivo e distante dos interesses financeiros, atualizando princípios de ordenação sociocultural por não ser entendido como um valor de troca, e sim de uso.

Era assim: comprou o terreno, quem vendeu foi o proprietário que morava aqui perto também, então o que ele comprou, esse terreno aqui, essa casa que é ao lado, mas não era essa casa, era terreno, e aqui você saía na rua 10. Então, aqui era uma chácara, era muito grande. Aí o que acontece? Vem os parentes né, a irmã dele, aí ele serve. (SALVADOR, M. N., 2019)

Figura 3: Fases da configuração da planta da casa da família Salvador

Fonte: PALMEIRA, Fabiana; MACEDO, Liz ; LINO JR, Márcio. 2019. Dados coletados a partir das entrevistas com a família Salvador e sintetizados graficamente pela autora.

Como efeito, o quintal insere-se na família Salvador tanto como garantia de subsistência, a partir do cultivo de árvores, hortaliças de diversas espécies e a criação de animais, como também espaço de consagração e sociabilidades para com os seus, um território de resistência. Os filhos nos contam sobre a importância do quintal na reunião de seus amigos, em sua maioria, negros, para comemorações e rezas de terços, brincadeiras e encontros dançantes promovidos aos finais de semana e, posteriormente, nas reuniões do Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra para debates raciais, dos quais Nazaré e o irmão Francisco Luiz Salvador (2019) participavam ativamente. Dessa forma, concordamos com Oliveira (2018) que esses territórios se constituem verdadeiros quilombos urbanos, fato que também é afirmado por Maria Nazaré quando questionada sobre a denominação,

destacando a importância do quintal no fortalecimento de conceitos, práticas e valores da comunidade negra e, ao mesmo tempo, por se constituírem em sua multifuncionalidade.

Arraigados na articulação estratégica de resistência dos negros às estruturas cívicas de poder, essas manifestações culturais e simbólicas reconhecidas no que Oliveira (2018) nos aponta como quintais negros urbanos, iniciam-se a partir do arcabouço cultural trazido na diáspora africana e em sua prática no trabalho rural nas fazendas e, pouco a pouco, nos terreiros urbanos, espaços de morar e espaços públicos “à sua maneira”. Associadas a essas sociabilidades também estão as irmandades religiosas, como as da Igreja São Benedito, Igreja Santa Cruz e Igreja Nossa Sra. do Carmo, com direta relação com o Baile do Carmo e demais espaços de lazer da comunidade negra. No que diz respeito às crenças e religião da família, os filhos destacam que, apesar da presença da linhagem católica nos seus antepassados, muitos aspectos das religiões de matriz africana se apresentam com frequência no cotidiano da família e são repassados entre as gerações, reforçando o sincretismo religioso presente em suas crenças. Vale aqui nos atentarmos para a importância da oralidade na transmissão desses saberes, e de como o espaço de morar ocupa sua significância material e imaterial no fortalecimento da memória e da cadeia de transmissão, pois é nele que a família se reúne para os terços, as rezas e práticas cotidianas recorrentes em ambas crenças religiosas.

Das primeiras expansões estruturadas a partir do marco zero, o loteamento do entorno e o surgimento dos bairros de concentração de indivíduos negros, os largos e praças públicas associados às principais edificações tornam-se espaços de disputas: por um lado, aqueles que são beneficiados diretamente por esse processo ao deterem os meios de produção e, conseqüentemente, o poder econômico e político; por outro, amplos contingentes de negros impedidos de usufruir de seus direitos e conquistas. Como resposta, os espaços promovidos pela comunidade negra araraquarense nesse espaço de disputas configuram-se em momentos de lazer da família Salvador, dentre eles o *footing* e o cinema da Igreja Santa Cruz, os clubes, os

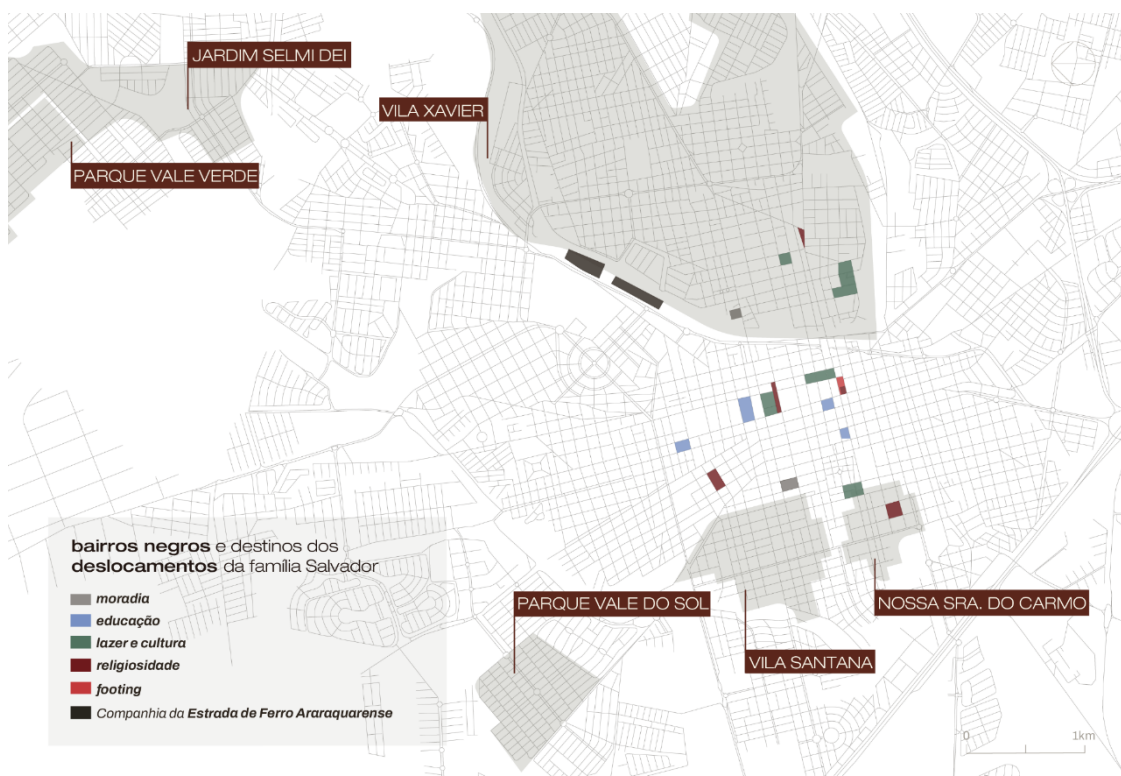
cinemas populares, as confraternizações e festas locais. A importância desses eventos consolida-se não somente como momento de congraçamento e ruptura com o cotidiano como também, e principalmente, por permitirem à comunidade negra uma posição de protagonismo em espaços que não lhe são habitualmente familiares por conta de mecanismos discriminatórios raciais, comumente disfarçados.

Ao compreendermos o protagonismo dos territórios negros para além de sua atuação na ocupação territorial, inserindo-se também cultural e socialmente nas dinâmicas urbanas, o quintal e os espaços de morar das famílias negras se apresentam como principal território de resistência e preservação, pois congregam a construção da identidade atrelada ao coletivo e às sociabilidades, resgatadas a partir da memória e fortalecida pela oralidade e pelos laços mantidos no cotidiano. Quando questionada sobre a preferência do quintal com relação à rua, Durcilia (2019) nos explica o afeto e acolhimento associados ao quintal por ali ver “aquela família unida, da mesma raça, da mesma cor”. A existência de formas de ocupação do espaço público e privado, bem como as profissões e atuações socioculturais exercidas, permitiram o estabelecimento de contatos, de troca de informações e garantia de sobrevivência desses quilombos urbanos, que foram na contramão da legislação urbanística que estava sendo criada em Araraquara e tinha como alvo o controle desses agentes.

Essa questão do coletivo era muito forte. Essa casa abrigou muita gente, muita gente. Minhas irmãs casadas, minhas irmãs com os filhos, sabe? Então saíam daqui e iam para casa própria, para casa delas, né. Então, parentes que vinham fora também, né, abrigavam. [...] Então essa questão, minha mãe tinha muito essa questão do agregar, ela era assim, sabe, uma pessoa extremamente autoritária, mas o objetivo dela era manter, manter a família unida, sabe? (SALVADOR, M. N., 2019)

A figura feminina ganha protagonismo no fortalecimento da identidade negra através das gerações, como reiterada na dupla jornada da mulher negra de mantenedora de suas tradições por meio da oralidade e sua preponderância na chefia da família e demais lideranças comunitárias. O protagonismo de Eva Salvador como matriarca na preservação dessas práticas e valores também é evidenciado nas falas dos filhos, e o cotidiano ali se constitui *guardião* dessas tradições, como conceitua Dos Anjos (2007). A presença de culturas e tradições de matriz africana vinculada à figura de mulheres que defendem esse território como um espaço que resgata o material e o imaterial criam um espaço de liberdade e resistência. Não apenas isso: os quintais e espaços de morar nos bairros negros também revelam latências imprescindíveis para novas leituras sobre o espaço urbano, *locus* da memória coletiva e sede desse patrimônio cultural dinâmico, passível de ser desvendado ao longo das camadas e rastros, na salvaguarda pelo cotidiano e no corpo enquanto agente político.

Figura 4: Bairros negros e deslocamentos da família Salvador em Araraquara (SP)



Fonte: PALMEIRA, Fabiana. 2019. Dados coletados a partir das entrevistas com a família Salvador e sintetizados graficamente pela autora.

O QUINTAL DE SEU DITO PRETO EM SANTA BÁRBARA D'OESTE (SP) COMO "QUILOMBO URBANO"

Em 4 de dezembro de 1818, o povoado que viria a se tornar a cidade de Santa Bárbara d'Oeste foi fundado em homenagem à sua santa padroeira. Dona Margarida, a fundadora, residia na fazenda com seus cinco filhos, parentes e agregados. Já em 1820, a propriedade contava com 30 pessoas escravizadas, fato que não interfere na visão romântica que a historiografia tradicional da cidade tem pela fundadora, celebrada como a primeira mulher a fundar um município no Brasil.

Em 1869, após disputas por autonomia regional, o povoado foi elevado à condição de vila e começou a receber imigrantes norte-americanos, especialmente sulistas confederados derrotados na Guerra de Secessão. O interesse do Imperador Dom Pedro II em estimular essa imigração visava

fortalecer as estruturas coloniais do país. A Associação Auxiliadora da Imigração para São Paulo, criada em 1865, e uma sociedade na Carolina do Sul possibilitaram a rápida chegada de famílias à região de Campinas, incluindo aqueles que adquiriram terras anteriormente mencionadas. O período entre 1865 e 1885 testemunhou a chegada de mais de 10 mil confederados ao Brasil, concentrados principalmente em Santa Bárbara e Americana, além de Santos e Rio de Janeiro, em menor escala (Martins, 2018).

A historiografia local muitas vezes romantiza a imigração norte-americana sem considerar seus aspectos coloniais e escravistas. A chegada dos primeiros imigrantes foi marcada pela compra de pessoas escravizadas para trabalhos agrícolas e domésticos, indicando a continuidade do sistema escravista. O desenvolvimento agrário da região, inicialmente centrado no algodão e depois na cana-de-açúcar e café, seguiu padrões semelhantes aos dos municípios do chamado Velho Oeste Paulista, a exemplo dos outros citados neste texto como Americana, São Carlos e Araraquara.

O crescimento industrial e urbanístico acelerado nas décadas seguintes levou Santa Bárbara a se tornar uma das cidades mais populosas da Região Metropolitana de Campinas. A proximidade com Campinas e Piracicaba, além do fácil acesso às rodovias, contribuíram para esse crescimento. O fenômeno da conurbação urbana entre Americana e Santa Bárbara, especialmente na Zona Leste de Santa Bárbara, resultou da falta de moradia em Americana e da atração de imigrantes para a indústria têxtil. Os limites entre os dois municípios não estavam bem definidos, e a população era fluida entre eles.

Os descendentes dos confederados norte-americanos, autodenominados de Fraternidade Descendência Americana, se reúnem regularmente em Santa Bárbara para eventos como a Festa Confederada, a qual gera inúmeras polêmicas em função da associação de seus símbolos com movimentos racistas, com diversos alertas do movimento negro, principalmente da Unegro (União de Negras e Negros pela Igualdade), os quais

causam revoltas na fraternidade que nega a explícita relação dos símbolos com sua história e usos atuais (Souza, 2021).

Dentro do contexto do movimento negro de Santa Bárbara d'Oeste e de Americana, que, como observamos, são duas cidades irmãs sem clara separação geográfica, nos deparamos com a figura de Benedito Samuel Barboza, conhecido como "Seu Dito Preto". Trata-se de uma das principais lideranças negras nas cidades, atuante na luta por políticas públicas inclusivas e com seus projetos nas escolas das duas cidades.

Nascido em Piracicaba em 1945, cidade na qual passou as primeiras décadas de sua vida, Seu Dito morou em um bairro periférico de população majoritariamente negra chamado Bairro Alto, porção da cidade que hoje se aproxima do centro, tendo sua população negra sido expulsa às margens da cidade, segundo o próprio Seu Dito em entrevista cedida aos autores (2022). Tendo passado por diversos endereços em Piracicaba, Seu Dito se recorda saudosamente de um endereço, em especial, por se tratar de um terreno que permitia que um quintal fosse utilizado principalmente para o plantio de alimentos para a família, e lembra que a terra na África "era a primeira mãe nossa, e a gente aqui cultiva isso ainda."

Apenas em 1979 Dito Preto se mudou para Santa Bárbara d'Oeste. Lá ele retomou um antigo sonho, relacionado às suas próprias vivências enquanto criança negra em Piracicaba, local que sofreu muita discriminação, o que despertou nele uma vida de questionamentos sobre o porquê de a trajetória de pessoas negras ser sempre marcada pela forte discriminação, em face das origens do escravismo, suas consequências, como a falta de dinheiro, comida, habitações precárias. Quando menino, Dito Preto indagava aos pais, mas não conseguia respostas, porque estes não queriam trazer à tona as memórias do sofrimento da escravidão, temendo inclusive que a possível incorfomidade do filho pudesse trazer novos sofrimentos. Tendo estudado apenas até a quarta série, Seu Dito retomou os estudos apenas aos 63 anos por acreditar que a educação muda o mundo. Neste contexto, ele criou, em 2004, uma entidade em sua casa dedicada ao complemento das atividades escolares de crianças

carentes do bairro. Com o tempo, a entidade cresceu e ganhou um espaço próprio, oficializando-se como Associação Assistencial para Melhoria de Vida (AMEV), prestando apoio à comunidade do bairro em geral, entre crianças e pessoas da terceira idade. Tudo isso em nome do movimento negro e em celebração à cultura negra manifestada pelo *quilombismo*.

Além da importância do olhar de Seu Dito para a educação como instrumento transformador da sociedade, nota-se o uso de seu próprio quintal como meio de praticar as atividades iniciais de sua recém criada entidade. Ele interpreta, de forma muito objetiva, em sua vida, a relação entre as práticas que exerce em sua casa com aquelas trazidas por seus antepassados africanos. Destaca que a cultura negra está, na verdade, presente em todos os lares brasileiros, a exemplo da culinária com alimentos trazidos por africanos como milho, batata, mandioca e pipoca, além de muitas receitas criadas pelas mulheres escravizadas, cozinheiras nas casas. Também destaca a música, muito presente em sua vida por cantar e tocar diversos instrumentos de percussão, mostrando-nos seus tambores, atabaque, bateria e um instrumento típico da Nigéria conhecido como “udu”.

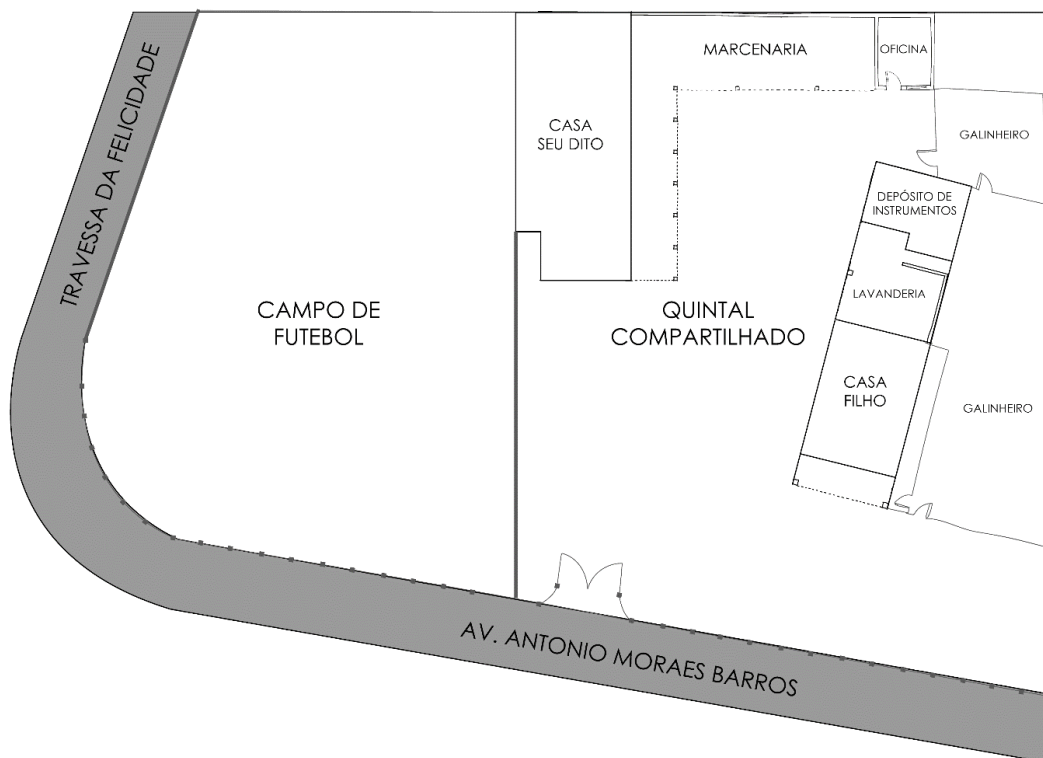
Figura 5: As crianças da AMEV no quintal de Seu Dito.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Seu Dito usou de seu grande quintal para abrigar um espaço de lazer para as crianças do bairro, porque não havia nada do bairro, assim ficariam felizes e bem assistidas, um espaço para se sentirem bem, com higiene e proteção. O envolvimento na AMEV e com os projetos de vida pessoal, torna visível a transparência no cuidado com o outro e a preocupação com a criança e com o adolescente. Contudo, sem esquecer de sua família, pensando em auxiliar essa criança como um todo. Isto porque acredita-se que o ambiente em que este indivíduo vive representa o que ele é, principalmente na fase inicial da infância e no apoio ao jovem em situação de vulnerabilidade. (MORAES, 2021).

O uso do quintal como espaço social está presente na trajetória de Seu Dito desde a infância, como já destacado pela relação afetiva com a terra na produção de alimentos para a família, mas também como espaço de recepção e benzimento realizados por seus pais. Deste modo, nos cabe um olhar ao atual quintal de Seu Dito em Santa Bárbara d'Oeste, conhecido por membros do movimento negro local como "um verdadeiro quilombo", localizado em um dos limites do município. O terreno em questão abriga hoje duas casas, as quais foram feitas aos poucos, conforme as condições financeiras permitiram, e com o máximo de economia possível utilizando de tijolo usado, "não tinha laje, não tinha reboque, não tinha pintura, estava dentro e depois fazia o resto", como ele descreve (Barboza, 2022). Com o término da primeira casa, iniciou-se a construção da segunda casa, na qual, ele reside atualmente, deixando a primeira casa para alguns de seus filhos. Posteriormente, foi construída uma expansão da casa 1 para abrigar um depósito de instrumentos musicais e um banheiro, além de uma expansão da casa 2 com uma sala de música e um viveiro de plantas. Por fim, entre as duas casas encontra-se uma oficina, um galinheiro e um espaço de marcenaria, outra atividade desenvolvida por Seu Dito que cria móveis e decorações, muitos dos quais ele doa para famílias carentes da região.

Figura 6: Implantação das casas da família Barboza

Fonte: MENCK, Vitor. 2022. Dados coletados a partir das entrevistas com Benedito Barboza e sintetizados graficamente pelo autor.

O espaço entre as duas casas consiste no grande quintal compartilhado da família, espaço de muita relevância, pois é o espaço social da família, no qual se reúnem, recebem pessoas, fazem festas e celebrações, além de manterem a atividade de plantio e criação de animais. No terreno restante, e separado da propriedade das casas, construiu um campo de futebol para lazer próprio e das crianças do bairro.

As plantas e flores, logo na entrada da propriedade, e os animais que ficam por ali são atribuídos pelo próprio Seu Dito a uma tradição de origem africana, em que filtram os maus espíritos que podem vir acompanhados de visitantes e não se espalham para sua casa ou família, para ele os animais e as plantas são sagrados.

Aqui tem legumes, verduras, temperos, chás que também fazem parte da nossa história e da nossa vida, a gente cresceu tomando chá, não

tinha remédio, nossa mãe saía e voltava com um pacotinho de mato na mão. E sem contar o milho, que a gente planta milho, planta abóbora, planta inhame, tudo que veio de lá do nosso povo. (BARBOZA, Benedito S., 2022).

A relação com as plantas do quintal é um forte exemplo da manutenção e resistência de uma cultura advinda dos tempos da migração forçada de africanos para o Brasil, quando durante séculos espécies vegetais foram trazidas e levadas entre os dois continentes, podendo-se citar como espécies nativas africanas trazidas ao Brasil a mamona, dendê, quiabo, inhame, tamarineiro e jaqueira (que se adaptaram tornando-se espécies espontâneas), e no processo reverso o milho, guiné, pinhão, batata doce, pinha e algumas Annonas (pinha, fruta do conde, graviola) (ALMEIDA, 2011).

Baseado nos conhecimentos de Seu Dito Preto, reforçamos a importância da prática da oralidade como meio de resguardar tradições importantes para o patrimônio cultural material e imaterial brasileiro, de modo a desprender-se da ideia que povos sem escrita são povos sem cultura, já que pelo contrário, da oralidade nasce a escrita. “Nas tradições africanas, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas.” (BÂ, Amadou Hampatê, 2010, p.182).

CONCLUSÃO

Tendo em vista as entrevistas realizadas e os autores com os quais dialogamos ao longo do artigo, identificamos que as casas e quintais analisados se constituem como territórios negros urbanos, que emergiram no contexto do pós-abolição dessas cidades no interior paulista, como formas de resistência às legislações urbanas, projetos urbanísticos e às ações de apagamento, exclusão e discriminação das culturas negras empreendidas pelo Estado e pela elite branca nacional, com base no “racismo científico”, em voga na Europa desde o final do século XIX (SCHWARCZ, 2007).

A partir dos relatos de Santa Maria e Odila, da família Salvador e de Seu Dito Preto, observamos como os espaços de moradia despontam como importantes territórios de resistência, uma vez que congregam as famílias negras e possibilitam a manifestação e preservação de suas práticas. Nesse sentido, dentre as similaridades observadas, podemos destacar o papel agregador da moradia, que frequentemente passa por ampliações a fim de receber amigos e familiares; além do caráter de subsistência e sociabilidade dos quintais, que abrigam plantações, criação de animais e também são palco para os encontros, as práticas religiosas e culturais das famílias.

Essas características comuns consolidam o quintal como um repositório de memória e história da comunidade negra, tornando-se um patrimônio tanto material (pelo próprio espaço físico) quanto imaterial (por todos seus significados). Diante da falta de um projeto nacional de integração voltado para a população negra no período pós-abolição, os próprios indivíduos tiveram que conceber estratégias para mitigar os impactos do racismo estrutural em seus cotidianos. Assim, eles transformaram seus lares em verdadeiros santuários culturais, autênticos quilombos urbanos impregnados de traços africanos, preservados e transmitidos principalmente pela tradição oral.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odila dos Santos. **Entrevista concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Edison Santiago de Almeida, Gerlânia Bezerra da Costa e Jéssica Ariane Campaneri Sposito**. São Carlos, 2022.

ALMEIDA, Maria Zélia. **Plantas Medicinais: abordagem histórico-contemporânea**. In: ALMEIDA, Maria Zélia. *Plantas Medicinais*. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 35-66.

BÂ, Amadou Hampaté et al. **A tradição viva**. In: BÂ, Amadou Hampaté. *História geral da África*, v. 1, p. 167-212, 2010.

BÂ, Amadou Hampâté. **A palavra, memória viva da África.** *O correio da Unesco*, n. 10-11, 1979.

BARBOZA, Benedito Samuel. **Entrevista concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Vitor Daniel Menck e Maria Julia List Rizato.** Santa Bárbara d'Oeste, 2022.

BORTOLUCCI, M. Â. **Moradias Urbanas Construídas em São Carlos No Período Cafeeiro.** São Paulo: FAU-USP. Tese de Doutorado, 1991.

BRITO, Angela Ernestina. **Lares negros olhares negros: identidade e socialização em famílias negras e inter-raciais.** *Serviço Social em Revista*, v. 15, n. 2, p. 74-102, 2013.

COSTA, E. V. da C. **Da senzala à Colônia.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; et al (Org.). **Bairros negros, cidades negras.** Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2019

DE SOUZA, L. M.; DE SOUZA, M. A.; CUNHA JUNIOR, H. **QUINTAL DE DONA LUIZA SOUZA COMO PARTE DA INSERÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NA CIDADE.** *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. I.], v. 12, n. 34, p. 238–259, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1138>. Acesso em: 28 abr. 2024.

GUEDES, Simoni Lahud. **Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais.** *Caderno CRH*, nº29, p. 189-208, 1998. (p. 197)

LIMA, R. P. **Limites da Legislação e o (des) controle da expansão urbana: São Carlos (1857-1977).** São Carlos: Edufscar, 2008.

MARTINS, José P. S. **Santa Bárbara d'Oeste 200 anos.** 1. ed. São José dos Campos: Editora Kongo, 2018.

MASSARÃO, L. M. **Igreja São Benedito.** São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, dpd-fpmc, 2018. (Texto não Publicado)

MORAES, Elisângela L. F. de. Vivências e narrativas – histórias de luta e sucesso. In: MARTINHAGO, Ana Paula G. **Educação emancipadora: perspectivas teóricas e práticas na diversidade.** Campinas: Apparte Editora, 2021. p. 307-328.

OLIVEIRA, Durcília Salvador de. **Entrevista concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr.** Araraquara, 2019.

OLIVEIRA, Joana D'arc. ***Da senzala para onde: negros e negras no pós-abolição em São Carlos (1880-1910)***. São Carlos: FPM, 2018.

SALVADOR, Francisco Luiz. *Entrevista* concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019.

SALVADOR, Lázara. ***Entrevista*** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019.

SALVADOR, Maria Nazaré. ***Entrevista*** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019.

SANTA MARIA, Carlos Eduardo. ***Entrevista*** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Edison Santiago de Almeida, Gerlânia Bezerra da Costa e Jéssica Ariane Campaneri Sposito. São Carlos, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Dos males da Dádiva: sobre as ambiguidades no processo de Abolição Brasileira. In: Gomes, Flávio dos Santos e Cunha, Olívia Maria Gomes. (organizadores). ***Quase Cidadão: histórias e antropologias do pós-emancipação no Brasil***. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SODRÉ, Muniz. ***O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira***. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

SOUZA, Fabiana Mendes de. ***Entrevista John Sims: As artes como meio para catarses antirracistas***. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 9, n. 1, p. 316-327, 2021.